

Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora

Sandra Mara Corazza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
sandrakorazza@terra.com.br

Resumo. Neste texto, proferido na conferência de abertura do XIII Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem), a autora reflete sobre pedagogia e currículo com base em três grandes tempos históricos em termos do saber e do fazer pedagógico e curricular: 1) o tempo da Neutralidade Iluminada; 2) o da Suspeita Absoluta; 3) e o do Desafio da Diferença Pura. A autora defende que ou a diferença pura se torna, de uma vez por todas, a principal argila de nosso trabalho pedagógico e curricular, ou seremos educadores perdidos, à deriva, fora de nosso tempo.

Palavras-chave: pedagogia, currículo, educação e diferença.

Abstract. This paper consisted of the opening conference of the 13th Annual Meeting of the Brazilian Association of Music Education (Abem). The author reflects upon pedagogy and curriculum based on three historical periods in terms of pedagogical and curricular knowledge and action: 1) the period of the Illuminated Neutrality; 2) that of Absolute Suspicion; 3) and that of the Challenge of Pure Difference. She sustains that the pure difference needs to become the core of our pedagogical and curricular work, or we will become lost educators, living outside our contemporary world.

Keywords: pedagogy, curriculum, education and difference.

Nos dias de hoje, nós, educadores, já temos condições teóricas e práticas de indagar: - O que já sabemos e fizemos em pedagogia e currículo? O que, atualmente, temos condições de saber e fazer? O que, daqui para frente, poderemos fazer com tudo isso? E também temos condições de responder: - Já fizemos muita coisa e sabemos outras tantas.

Desde o século XVII, com a *Didática Magna*, de Comenius; com a descoberta da infância, pelo *Emílio*, de Rousseau; com a institucionalização da educação, pela invenção da escola, a pedagogia e o currículo vêm, histórica e politicamente, se constituindo. Em função disso, somos filhos e seguidores de uma longa tradição, bem mais antiga do que nós. Uma tradição de educar as novas gerações; ensi-

nar-lhes conhecimentos; governar suas atitudes, hábitos, sentimentos; discipliná-las, para que vivam e sobrevivam, relativamente bem, no tempo e espaço que lhes tocou viver.

Agora... nós não podemos negar e destruir totalmente essa tradição. Mesmo quando nos opomos a ela; mesmo quando a acusamos por seus efeitos negativos; quando criticamos os seus equívocos; quando dizemos que, dela, nada queremos nem esperamos, ainda é dela que estamos nos ocupando. Porque esse é um jeito - o crítico ou desconstrutor - de também ser filiado àquela tradição. E nós, que somos filhos reais, simbólicos, imaginários, de tantos pais, mestres, guias, autores, crenças, sabemos que é assim que essa coisa da filiação funciona.

Improdutivos aqueles educadores que ficam por fora: fora dessa tradição, fora dessa história, fora desse acúmulo. Acúmulo que é produzido, às vezes, por seguir cegamente doutrinas ou dogmas; mas, em outras vezes, por transgredir o existente e subverter o possível. E, em conseqüência, por inventar o novo, fabricar o que ainda não existiu nem existe, mas que nós podemos fazer existir, justo porque temos toda uma história que nos dá sustentação para isso.

As coisas, palavras, pensamentos, teorias, práticas educacionais não existem por si mesmas, não estão fixadas, não são eternas nem universais. Elas não são. Ou melhor: são à medida e somente à medida que se fazem, à medida que se revelam como um por-fazer, como um esforço de conquista e de reconquista dos percursos da educação. É assim, conquistando e reconquistando, que se dá o jogo de herdar e de legar, de herdar e de transmitir, de receber e de entregar, e é assim que se faz verdadeiramente a história da pedagogia e do currículo. Conquista-se e reconquista-se o que se herda, para que assim se torne verdadeiramente nossa herança, com a qual faremos outras coisas, diferentes, inéditas, novidadeiras, para também deixá-las de herança àqueles que virão depois de nós.

Para isso, é preciso desaprender-perder-esquecer o dado e o feito que nos legaram de herança, fazer deles uma coisa-nenhuma ou nenhum-dado, nenhum-feito. É preciso desaprender o aprendido para poder ser partícipe das forças de transformação, transfiguração, procriação e criação da educação. Ser educador não é só acumular, guardar, conservar, usar, mas abandonar, largar, gastar e, nesse gasto, readquirir, retomar, para poder se revitalizar.

Assim, a partir dessa perspectiva é que podemos dizer que todos os que educaram e educam vivemos três grandes tempos históricos, em termos do saber e do fazer pedagógico e curricular: 1) o tempo da Neutralidade Iluminada; 2) o da Suspeita Absoluta; 3) e o do Desafio da Diferença Pura.

Neutralidade Iluminada

O tempo da Neutralidade Iluminada foi o nascente da pedagogia. Aquele em que, muito colados à religião, os educadores acreditaram que eles também eram pastores de almas, corpos, atitudes, caráter, inteligência, sexualidade, moral. Acreditaram que o seu grande modelo era a divindade, que eles eram mediadores entre ela e a humanidade, e que a sua missão era transmitir os conhecimentos, modos de ser sujeito e valores tidos como unívocos, eternos, universais.

Saídos da hegemonia religiosa e introduzidos na hegemonia da filosofia e da ciência, esses educadores da Neutralidade só trocaram de senhor. Continuaram sendo neutros e iluminados, pois a ciência, em especial, lhes fornecia toda a segurança de estarem educando para os retos caminhos do Bem, da Verdade e da Vida. Em pedagogia e no currículo, que aí começa, foram as diretivas científicas que fizeram dos saberes, sujeitos e valores elementos acima de qualquer suspeita. Os educadores eram ainda simples mediadores, neutros transmissores, iluminados orientadores de almas e corpos, sim, porém científicos.

Esse foi o tempo de uma construção muito abundante, que durou do final do século XIX até a metade do XX. Tempo de fortalecimento do capitalismo e do comunismo, de descobertas científicas e tecnológicas, de mudanças nos modos de vida, relações, formas de produção e trabalho. Mas tempo também de duas guerras mundiais, bombas atômicas, campos de concentração, extermínios em massa.

Entretanto, todos continuavam educando, e muito, pois foi tempo de criar a necessidade de educação para todos, consolidar a pedagogia, tornar a escola gratuita e obrigatória, formular currículos adequados ao progresso social. Tempo de relacionar escola e mundo do trabalho, criança e aluno, aluno e produto, professores e profissão, metodologias e resultados, democracia e currículo. De formular as ciências da educação, que levaram os professores a conhecer mais e melhor o sujeito a ser educado, o ensino, a aprendizagem, o planejamento, a avaliação.

Ou seja, foi um tempo muito importante, e o que nele foi feito também, já que tiveram início e consolidaram-se a pedagogia e o currículo, e foram produzidas as condições históricas para que um outro tempo educacional pudesse ser construído.

Suspeita Absoluta

Assim foi, até que o mundo tornou-se crítico de si mesmo. Vivemos várias décadas e, disso, resultou tanta coisa boa, mas também má, que os educadores, a sociedade, o Ocidente viram que era hora de fazer um balanço, de avaliar o que tinham recebido da tradição e os efeitos do que eles mesmos tinham ajudado a criar. As principais idéias e práticas educacionais desse tempo assumiram duas orientações: as liberais, a serviço das melhorias do capitalismo, e as marxistas, que se opunham tanto às formulações da Neutralidade Iluminada quanto às da Suspeita Absoluta de origem capitalista liberal.

Foram as orientações de ordem marxista que tiveram, nesse período, uma importância decisiva para a pedagogia e o currículo. Classes sociais, relações de produção, necessidade de conscientizar os explorados de sua exploração, lutas por emancipação e libertação de vários grupos, denúncias da escola como reprodutora das injustiças sociais e mantenedora do *status quo* cultural. Tudo isso constituiu os ingredientes para que a pedagogia e o currículo armassem uma grande Escola da Suspeita. E pusessem também o que sabiam e faziam sob suspeita.

Aí, nasceram as transgressões todas que nós, em nossa história de educadores de esquerda, passamos a orquestrar. Verificar o quanto de ideologia havia no currículo oculto, por trás do currículo oficial; desmontar a educação bancária; distanciar as pedagogias progressistas das conservadoras; verificar a dominação de classe operante em cada conteúdo e atitude; analisar politicamente o que era feito em educação: foram todas ações em que nos empenhamos.

Em outras palavras, foi um tempo de desmanchar as pretensões da Neutralidade Iluminada. De puxá-la pelos pés, fazê-la descer dos céus, fosse da religião ou da ciência, virar a mesa. Tempo de politizar radicalmente a educação. De lutar por melhores condições de trabalho e salários dignos. Organizar-se em sindicatos, fazer greves, cobrar do Estado e dos patrões os direitos sociais e o respeito profissional e humano. Não mais querer saber de ser professora vocacionada, de que o magistério fosse um dom inato à mulher. E, sim, assumir que educar é transmitir novos saberes, comportamentos, modos de ser, mas, por outro lado, que também é controlar, moldar, humilhar, excluir, reproduzir privilégios e muito sofrimento.

Esse é o tempo das pedagogias e dos currículos críticos, radicais, emancipatórios, progressistas, cidadãos. É tempo de Paulo Freire e de sua potente produção mundial da Educação Libertadora. Tempo de desconstruir a anterior neutralidade da pedagogia e do currículo e o presumido papel do educador como um iluminado. De relacionar a educação a questões de poder, saber e identidade. De compreender os processos de controle e regulação pelos quais as pessoas tornam-se aquilo que são. De retirar todo o papel ingênuo, universalista e eterno da pedagogia, dando-lhe o que ela sempre mereceu: a dimensão de ser, irredutivelmente, um campo político, socialmente interessado, território de culturas em luta, e muitíssimo forte para construir uma ou outra realidade, uma ou outra sociedade, um ou

outro valor, um ou outro tipo de sujeito. É o tempo da revolução em educação.

Essa Escola da Suspeita, ao modo da Neutralidade Iluminada, foi também muitíssimo importante pelo que realizou em prol das classes e grupos subordinados, dos movimentos alternativos e não-estatais, dos engajamentos e militâncias de seus professores, e de tudo o que preparou no caminho para o tempo que veio depois. E que é este nosso.

Desafio da Diferença Pura

Aconteceu que vivemos mais algumas décadas, o muro de Berlim e as Torres Gêmeas foram derrubados, o mundo foi globalizado e a crueldade, mundializada. Entramos em um novo século e milênio. Experimentamos sucessos e muitos fracassos. Mudaram as condições sociais, os espaços, relações, identidades, racionalidades, culturas. E mudamos nós. Hoje, somos educadores que educam em tempos pós-modernos. Se os tempos da Neutralidade Iluminada e da Suspeita Absoluta são filhos naturais da modernidade e da educação moderna, este de agora, o do Desafio, é cria legítima da pós-modernidade e da educação que lhe corresponde.

Chamo-o tempo de Desafio da Diferença Pura porque todas as suas concepções e práticas atestam a existência dos diferentes, que povoam nossas casas e ruas, salas de aula e pátios de recreio, dias e noites. Diferentes, que são os homossexuais, negros, índios, pobres, mulheres, loucos, doentes, deficientes, prostitutas, marginais, aidéticos, migrantes, colonos, criminosos, infantis-adultos, todos os sem... Os quais, por tanto tempo, ficaram borrados e excluídos, calados e subordinados, dominados e pisoteados pela lógica da identidade-diferença. Mas que, hoje, são puros, isto é, diferentes em si-mesmos, essencialmente-outros, não-idênticos, outros-diversos. E que lutam para que nunca mais sejam vistos como vítimas ou culpados, fontes de todo o mal, desvios a serem tolerados. Para que nunca mais suas diferenças sejam governadas, traduzidas, calibradas, reparadas, integradas ao velho princípio da identidade universal.

Nesses dias de hoje, os movimentos sociais e a teorização cultural não podem mais ser os mesmos, o currículo e a pedagogia não podem agir e nem pensar como antes, os professores e alunos não podem educar nem serem educados como até então. Eles saem da camisa-de-força da categoria de classe social - embora ainda a considerem, especialmente nos países com alta concentração de

renda, índices de barbárie humana, geografia da morte, lógica do medo, alfabeto de dor, sintaxe do sangue -, para explodir os seus entendimentos e práticas em mil pequenos marcadores sociais.

Marcadores, que abrem a agenda educacional para questões de gênero, escolhas sexuais, nacionalidade, multiculturalismo, religiosidade, papel construcionista da linguagem, força da mídia e dos artefatos culturais, processos de significação e disputas entre discursos, políticas de identidade, novas comunidades, imigrações, xenofobia, integrismo, racismo, etnocentrismo. Ou seja: a pedagogia e o currículo, os professores e sua formação, as didáticas e as metodologias, a escola e a educação são impelidas a tornarem-se em tudo muito mais culturais e bem menos escolares, no sentido dos tempos anteriores.

Este é um tempo babélico de mapas plurais dos povos de diferentes, em que estamos tão desafiados, como educadores, que chegamos a nos sentir encurralados. Em educação, é tempo dos estudos culturais, feministas, gays e lésbicos, pedagogia *queer*, pensamento pós-estruturalista, pós-colonialista, pós-modernista, filosofias da diferença, pedagogias da diversidade.

Tempo em que as concepções educacionais até então predominantes, como as de poder, sensibilidade, linguagem, utopia, realidade não deixam de ter importância e, inclusive, de funcionarem na sociedade e em nós; mas no qual - e este é o diagnóstico - não dão mais conta deste outro mundo e de seu tempo, bem como das experiências que neles vivemos. Embora todas elas convivam entre si, circulem de uma a outra: o que éramos e o que somos, o que pensávamos e o que pensamos, o que sentíamos e o que sentimos, o que desejávamos e o que desejamos agora.

Nenhuma pedagogia e nenhum currículo ultrapassam ou substituem os anteriores, em direção ao melhor, mais avançado, mais perfeito. Mas cada pedagogia e cada currículo, cada um de nós, todos os grupos, ações, palavras, políticas, países, povos, indivíduos somos: em metamorfose, híbridos, mestiços, multifacéticos, polimorfos, de traços caleidoscópicos. Somos velhos e novos, pretos e brancos, homens e mulheres, grandes e pequenos, ricos e pobres. Somos os neutros e os da suspeita. Somos sempre muitos, que compõem o desafio educacional do aqui-e-agora.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

Recebido em 12/01/2005

Aprovado em 20/01/2005

As diferenças puras dos diferentes não são para, simplesmente, serem respeitadas, ou para funcionarem como ponto de partida de nada. Os diferentes puros não existem, não lutaram tanto para existir, não foram dados a existir, para que a pedagogia e o currículo apenas partissem de seus interesses e necessidades, para depois, então, eliminarem todas as diferenças, em nome dos interesses e necessidades dos mesmos, dos sujeitos-padrão, dos sujeitos-referência, dos sujeitos-verdadeiros.

Ao contrário, em pedagogia e no currículo, trata-se de trabalhar, sempre, com as diferenças, reforçá-las e problematizá-las radicalmente, enfatizar as suas dinâmicas, viver todas as suas experiências inquietantes e misteriosas. É por suas alteridades que estamos sendo interpelados e desafiados, como educadores. Foi para isso que os diferentes desequilibraram as relações conhecidas, dissiparam a segurança identitária, tornaram estranho tudo o que antes era tão familiar. Para que, junto com eles, assumíssemos a responsabilidade ética de educá-los em sua própria diferença.

Ou aprendemos as lições deste tempo e fazemos os diferentes e suas culturas entrarem, efetivamente, em nossos currículos e práticas pedagógicas, ou vamos acabar cedendo nosso lugar de educadores críticos para os acrílicos *funk*, futebol, ruas, gangues, drogas, Internet, prostituição infantil, filmes da Disney, teleturma, telenamoro, telessexo, *Show do Milhão*. Ou a diferença pura se torna, de uma vez por todas, a principal argila de nosso trabalho pedagógico e curricular, ou seremos educadores perdidos, à deriva, fora de nosso tempo. E o que é mais grave: não estaremos educando nossos alunos para um porvir plural e criativo, em que a educação faça diferença.

Pois, como já indicara Paulo Freire (2000, p. 53-54), em sua *Pedagogia da indignação*, temos de ser educadores situados em nosso tempo:

É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que 'chegam' em sua geração. E não fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. [...] A transformação do mundo necessita tanto de sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador.